

# **OBJETIVIDADE, SUBJETIVIDADE E INTERSUBJETIVIDADE: NUANCES DA MODALIDADE DEÔNTICA EM LÍNGUA ESPANHOLA<sup>1</sup>**

Victoria Glenda Lopes Batista Paz<sup>2</sup>  
Nadja Paulino Pessoa Prata<sup>3</sup>

**Resumo:** Entendendo a modalidade como um recurso linguístico cujo comprometimento do falante com a verdade do que é dito permeia sua construção em maior ou menor grau, acreditamos que tal entendimento estende-se à modalidade deôntica, devendo ser considerada, em casos de maior afastamento do falante, expressão modal eminentemente objetiva, ao passo que, havendo maior aproximação do falante à verdade de sua proposição, o caráter subjetivo deveria ser considerado. Ademais, havendo a consideração ou implementação de posicionamento do ouvinte, poderíamos entender o traço intersubjetivo modal. Após análise de aspectos como (i) gênero textual, (ii) formas linguísticas determinadas à expressão modal deôntica e (iii) (não) marcação das fontes, sejam evidenciais ou modais, revelamos possíveis traços de objetividade, subjetividade e intersubjetividade deôntica, que é o objetivo deste trabalho.

**Palavras-chave:** Modalidade deôntica; Objetividade; Subjetividade; Intersubjetividade. Língua espanhola.

**Resumen:** A partir de la comprensión de la modalidad como una herramienta cuyo comprometimiento del hablante con la verdad de lo que se dice atraviesa su construcción en mayor o menor grado, creemos que tal comprensión alcanza la modalidad deóntica, siendo considerada, en casos de mayor alejamiento del hablante, expresión modal eminentemente objetiva, y, por otro lado, observándose mayor aproximación del hablante a la verdad de su proposición, el carácter subjetivo debe ser considerado. Además, considerándose la señalización o implementación de la posición del oyente, podremos entender el aspecto intersubjetivo modal. Tras análisis de aspectos como (i) género textual, (ii) formas lingüísticas determinadas a la expresión modal deóntica y (iii) (no) demarcación de las fuentes, sean ellas evidenciales o modales, observamos potenciales rasgos de objetividad, subjetividad e intersubjetividad deóntica, que es el objetivo de este trabajo.

**Palabras-clave:** Modalidad deóntica; Objetividad; Subjetividad; Intersubjetividad. Lengua española.

---

<sup>1</sup> Este artigo foi feito com base nas reflexões iniciadas em Batista (2019).

<sup>2</sup> Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação pela Universidade Federal do Ceará. Contato: glendalopesvictoria@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutora em Linguística. Professora do Departamento de Letras Estrangeiras (DLE) da Universidade Federal do Ceará e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (Processo No. 309789/2022-2). Contato: [nadja.prata@ufc.br](mailto:nadja.prata@ufc.br).

## 1 Introdução

No presente estudo, refletimos sobre o comportamento modal deôntico em espanhol relacionado ao afastamento ou aproximação do falante em relação ao enunciado deonticamente modalizado. Partimos do entendimento da modalidade como uma expressão, distinguível em graus, das subjetividades do falante, bem como sua relação de proximidade ou distância com relação ao que se diz.

Baseando-se nas definições modais presentes na literatura voltada aos estudos deste fenômeno, temos em Lyons (2001, p. 300) uma noção mais ampla, obra em que a modalidade pode ser entendida como a codificação da atitude do falante em relação a uma proposição. As atitudes são entendidas enquanto julgamentos realizados pelo falante no que se relaciona à qualidade da informação proposicional do enunciado.

Mais especificamente relacionado à modalidade deôntica, Lyons (1977) a divide em subjetiva – sendo o primeiro caso relacionado à desejabilidade de ocorrências de determinado Estado-de-Coisas (noção atribuída posteriormente à coletividade ou à modalidade volitiva, em Oliveira (2017) –, e objetiva, atrelada à existência das obrigações. Tal definição existe consonante à definição por excelência modal. No entanto, alguns estudos trabalham de forma mais detida com o caráter objetivo da modalidade deôntica.

Com relação à concepção do (des)comprometimento do falante, entende-se que há uma responsabilização mínima do falante quanto ao que enuncia, uma vez compreendendo todo ato de enunciar como condutor à responsabilidade enunciativa. Em Neves (2006), por exemplo, a modalidade é concebida a partir da relação de necessidade ou possibilidade dos atos realizados por agentes moralmente *responsáveis*, implicando um *controle intrínseco* dos eventos. Desta forma, podemos reconhecer o fenômeno modal por essência como uma construção e expressão linguística de comprometimento do falante quanto aos eventos. No entanto, ainda que seja admitida essa responsabilidade discursiva, entendemos a necessidade de observar as marcações e pistas linguísticas observáveis no discurso. Portanto, trabalharemos com o verificável discursivamente.

Desta feita, discutiremos, no ponto 2, as definições da modalidade por excelência, bem como observações mais detidas à modalidade deôntica, devido ao seu aspecto geralmente considerado mais voltado à moralidade e à objetividade, e das possibilidades de efeitos de sentido atrelados a esta última em específico. No ponto 3, explicitaremos a metodologia que orientou esta reflexão, já iniciada por Vázquez-Laslop (2001), Verstraete (2001), Pessoa (2007), Batista (2019) entre outros. No ponto 4, exemplificaremos os traços deônticos objetivo/subjetivo e intersubjetivo por meio do *corpus* utilizado neste trabalho. Por fim, no ponto 5, apresentaremos as considerações finais advindas deste estudo.

## 2 O fenômeno modal na linguagem

### 2.1 Definições modais

Embebidos da própria concepção de Benveniste (1971) de que a linguagem é tão profundamente marcada pela expressão da subjetividade que poderíamos perguntar-nos se continuaria funcionando e sendo chamada de linguagem se vista de outra forma, e a fim de que se possa compreender a relevância das reflexões a seguir, daremos espaço a entendimentos relacionados ao caráter modal em um sentido amplo, concebendo um fenômeno na totalidade e objetivando observar a relevância dos matizes semânticos de objetividade, subjetividade e intersubjetividade relacionados à modalidade.

Tendo visto que Benveniste (1971) entende todo o fenômeno de linguagem como dotado de subjetividade e, também através das reflexões do autor, como uma expressão dos egos, encontramos poucas definições primárias da modalidade que fujam a este espectro. Os teóricos que se prestaram a uma observação e intento de definição modal parecem compartilhar, em sua maioria, o reconhecimento de que o fenômeno modal é impactado pelo crivo dos falantes. Cabe-nos, portanto, apresentar tais visões consonantes, além de deliberar sobre o impacto que o crivo dos ouvintes também possa apresentar.

Como primeira definição, recorreremos a Lyons (1977), que concebe a modalidade como a expressão linguística das atitudes subjetivas do falante, e atrelada à noção de verdade. Ao mencionar a modalidade deôntica especificamente (sobre a qual discorreremos mais adiante), o autor menciona a possibilidade de a fonte modal perfazer-se como o sentido comum, mais objetiva, ou tão somente uma compulsão *interna* do falante, sendo este dotado de maior subjetividade, estabelecendo, de início, o aspecto de pessoalidade (potencialmente) presente nas construções modais.

Halliday (1985) entende o fenômeno modal como uma avaliação do falante acerca da probabilidade ou do grau de evidência daquilo que ele está falando. Desta feita, observamos o termo *avaliação*, enquanto *juízo* do falante quanto à verdade da(s) proposição(ões), havendo, ao que nos parece, comprometimento cognitivo e conceitual do falante no discurso, uma vez que o falante avalia (cognitivo) e se compromete com a noção de realidade do discurso (a partir de seu conceito do real).

Por excelência, a categoria denominada modalidade é definida como uma expressão de atitudes e opiniões subjetivas dos falantes, ou melhor, entendida como a gramaticalização das atitudes e opiniões (subjetivas) dos falantes (Palmer, 1986). Palmer (1986) nos é, portanto, mais claro, ao utilizar os termos de expressão de atitudes e opiniões, e, para, além, aderir ao termo *subjetivas*, uma vez que, assim, o envolvimento do falante com a proposição (subjetividade) recai sobre todo

o fenômeno modal, sendo deste ponto avaliado em graus de maior ou menor expressão de subjetividade em seus subtipos, como observaremos mais adiante. O conceito modal proveniente de Halliday foi alterado e questionado em estudos posteriores, o que trouxe à modalidade também o entendimento de que pode ser *objetiva*, sobre o que também refletiremos ao longo do texto.

Koch (1986) também concebe a modalidade como um processo que permite ao falante marcar a distância relativa em que se coloca com relação ao enunciado que produz, seu maior ou menor grau de engajamento com relação ao que é dito. Em Koch (1986) percebemos uma tendência à avaliação modal em graus, o *continuum*, de maior ou menor distância do falante com relação ao que está dito, o que nos parece favorável quanto à categorização dos subtipos modais. Ainda assim, não observamos em Koch (1986) uma referência ao caráter objetivo da modalidade, haja vista a autora mencionar *maior e menor grau de engajamento*, e não aludir a um descomprometimento total.

Em Hengeveld (1988), a modalidade surge como todos os meios linguísticos por meio dos quais um falante pode expressar seu comprometimento com a verdade da proposição, o que, aliado às reflexões de Givón (2001), nos fornece outro aspecto modal, pois entende a modalidade como a **codificação** da atitude do falante em relação a uma proposição. Por atitude, subentendem-se julgamentos feitos pelo falante sobre a informação proposicional expressa na cláusula. Os autores aludem ao elemento linguístico do que é codificado no discurso enquanto expressão de comprometimento, atitude ou julgamento do falante, sendo *mister* observar a estruturação discursiva de modo a identificar os elementos enunciativos da modalidade e não apenas sua semântica.

Nogueira (2011, p. 60), ao afirmar que “A Linguística concebeu a modalidade como um recurso do Falante para a introjeção de suas atitudes, crenças e desejos, a fim de expressar discursivamente a sua percepção do mundo”, reafirma também o aspecto aproximativo do falante ao seu enunciado por meio da modalidade, demarcando que, a partir das construções modais, o indivíduo pode expor questões pessoais e/ou subjetivas ao mundo.

Seguindo a distinção proposta em Hengeveld e Mackenzie (2008), a modalidade então se subdivide em: epistêmica – concebida como a modalidade que expressa a verdade de um Conteúdo Proposicional (porção linguística de conteúdo comunicativo) ou a existência da possibilidade de ocorrência de um Estado-de-Coisas; facultativa – definível em termos de condições de realização de um Estado-de-Coisas ou das capacidades dos participantes para a realização de dito Estado-de-Coisas; volitiva – relacionada a aspectos de (in)desejabilidade; e deôntica - caracterizada em termos daquilo que é obrigatório ou legal em meio a uma série de construtos e convenções morais. Anteriormente contemplada a

modalidade evidencial – atrelada às noções de fonte da informação (Hengeveld; Mackenzie, 2008), ela foi posteriormente remanejada a uma categoria independente em Hengeveld e Hattner (2015). A modalidade deôntica, portanto, constitui o foco de nosso presente estudo e será abordada mais detidamente no tópico subsequente.

Em considerações mais recentes sobre a modalidade, muito se diz sobre o impacto dos sujeitos enunciadorees na construção modal. Angheluta (2014), ao recuperar as noções filosóficas de *dictus* e *modus*<sup>4</sup> estabelecidas por Alarcos Llorach (2000), observa que o contato entre essas duas noções é intermediado pelo *eu* oracional (*yo*). Cabe destacar que o próprio entendimento do *modus*, enquanto a forma do conteúdo que passa por avaliações do *eu*, compromete o entendimento da modalidade enquanto objetiva (segundo a autora, retira a garantia de sua objetividade). Entendemos, assim, que os estudos voltam a primar o caráter subjetivo da modalidade por excelência, uma vez que se considera que seu conteúdo é constantemente atravessado por atitudes dos sujeitos comunicadores.

Em Batista (2016), tem-se a expressão linguística do pensamento e das intenções humanas, recuperando também o caráter valorativo da modalidade por parte de seus sujeitos enunciadorees. Sendo a modalidade, então, a *performance* palpável dos processos mentais subjetivos do falante, cabe-nos recorrer às noções mais clássicas (ou, pelo menos, mais antigas), da modalidade, considerando seu traço subjetivo por excelência e restando-nos a observação do *continuum* da marcação de ditos processos, para o que podemos entender como *mais objetivo / eminentemente objetivo* para *mais subjetivo / eminentemente subjetivo*, entendimentos esses que serão aplicados aos casos estudados, sob tal denominação ou denominação a fim (*caráter subjetividade, potencializador da intersubjetividade, etc.*).

## 2.2 Modalidade deôntica

A partir da contemplação do fenômeno modal em seu caráter mais amplo, partiremos, neste tópico, a uma visão mais detida do subtipo de modalidade denominada deôntica, sendo este o foco de nosso trabalho. Assim, procederemos similarmente à concepção modal na totalidade, e refletiremos acerca da natureza do subtipo modal deôntico.

Neves (1996, p. 187) concebe a modalidade deôntica enquanto “relacionada à necessidade ou à possibilidade dos atos realizados por agentes moralmente responsáveis, o que implica alguma espécie de controle humano intrínsecos dos eventos” e se presta à expressão dos valores de conduta (valor de comportamento social), a saber: obrigação, que constitui a necessidade de realização ou não

<sup>4</sup> Entendem-se os conceitos de *dictus* como o conteúdo que é expresso ou comunicado, ao passo que o *modus* se configura como a forma que se dá ao conteúdo comunicado, com base em atitudes psíquicas. (Alarcos Llorach, 2000, p. 149).

possibilidade de não realização de dito evento (a saber, *deons* = do grego aquilo que é obrigatório), proibição, que constitui a negação da permissividade de realização de dito evento) ou permissão, que constitui a anuência concedida à realização de dito evento).

Tais valores modais podem apresentar matizes ou nuances de significado, a depender de distintos fatores. Os estudos clássicos de Lyons (1977) sobre a modalidade já apontam que as polaridades semântica negativa/positiva podem, em alguma medida, afetar a força modal do discurso. Podemos verificar uma esquematização das nuances modais no esquema proposto pelo autor e extraído de Pessoa (2007):

<b>Não obrigação</b>	→	Permissão de não fazer
<b>Obrigação</b>	→	Não permissão de não fazer
<b>Permissão</b>	→	Não obrigação de fazer
<b>Não permissão</b>	→	Obrigação de não fazer

Fonte: Pessoa (2007, p.70), com base em Lyons (1971).

Sendo assim, vemos, que, no bojo da tríade principal estabelecida para os valores da modalidade deontica (isto é, obrigação, proibição e permissão), a influência semântica das polaridades positiva e negativa sobre os referidos valores modais.

Pessoa (2011), com base nestas reflexões, menciona a gramaticalização da polaridade positiva como uma forma linguística não-marcada, em oposição à polaridade negativa. A inversão da polaridade sobre os valores modais leva a pontos de contato entre eles. Ao observarmos, por exemplo, o valor de obrigação que, ao apresentar polaridade negativa (obrigação negada), aproxima-se ao valor permissivo da modalidade.

No entanto, não apenas a polaridade se presta à observação das nuances modais. Também Pessoa (2011) alude a outras estratégias de asseveração e mitigação modal, que podem levar a interpretações dos valores modais em suas subcategorias. A autora menciona alguns elementos de asseveração e mitigação modal, como operadores discursivos e manipulação das flexões verbais, além de aportes léxicos que reforcem ou suavizem a expressão modal. Para nosso estudo, não nos valem os elementos lexicais, mas lançaremos mão da observação das flexões verbais para a flexibilização da força ilocucionária modal, como estratégia de objetivização ou subjetivização modal.

Quanto às formas de expressão da modalidade deontica, estas igualmente ocorrem de modo diversificado, o que, sob nossa perspectiva, lhe fornece valores semânticos multisegmentados quanto à força de seu discurso e uma abordagem

modal mais objetiva ou mais subjetiva também a partir de seus meios de expressão. Em Batista (2016), vimos que ela pode manifestar-se a partir de recursos linguísticos diversos, entre eles: (a) *Auxiliares Modais*: Verbos auxiliares: *poder* e *deber*, utilizadas juntamente com o infinitivo; Locuções verbais auxiliares: *tener + que + infinitivo* e *haber + que + infinitivo*; (b) *Verbos Plenos*: *prohibir*, *obligar* e *permitir*; (c) *Adjetivos Modais*: *es obligatorio, fue obligado, etc., es/está permitido, e es/está prohibido*; (d) *Advérbios Modais*: *obligatoriamente* e *necesariamente*; (e) *Substantivos modais*: *obligación, permiso* e *prohibición*. Acreditamos que a diversidade dos elementos que se prestam à expressão da modalidade deôntica favoreçam matizes de força discursiva, efeitos de sentido, e também de afastamento ou aproximação discursiva do falante, isto é, maior ou menor expressão de sua subjetividade no discurso.

Para Verstraete (2001), a modalidade deôntica pode apresentar caráter subjetivo ao expressar uma atitude do falante frente à necessidade ou permissividade para uma determinada ação, e revela caráter objetivo ao apenas expressar a existência de uma necessidade sem envolvimento de atitude do enunciador.

Vázquez-Laslop (2001) concebe que a distinção modal deôntica entre objetiva e subjetiva depende em essência do grau de (não) comprometimento do falante com o desejo do evento em questão, definindo os graus de envolvimento do falante como uma arquitetura do comprometimento, e observando os potenciais elementos que demarquem um maior ou menor comprometimento do falante com a modalidade, sendo ela então mais objetiva ou mais subjetiva, respectivamente, e em *continuum*. A autora estabelece anteriormente (Vázquez-Laslop, 1999) a observação dos elementos pragmáticos-formais, buscando os indicadores que representem pragmaticamente os atos deônticos. O traço de maior ou menor subjetividade dependeria, portanto, do posicionamento dos participantes comunicativos, enquanto elementos pragmáticos.

Para auxiliar na observação destas fronteiras semânticas de objetividade e subjetividade, é possível lançarmos mão de diversos elementos linguísticos e discursivos. O elemento contextual é entendido como uma das ferramentas auxiliaadoras de maior interesse na observação dos traços de objetividade/subjetividade deôntica, pois elenca elementos que podem influenciar discursivamente na expressão modal (participantes, aspectos pragmáticos, ambiente discursivo, etc.).

Parece-nos, portanto, que modalidade, enquanto essencialmente subjetiva, como já declarado por Palmer (1986) e mencionado em trabalhos como o de Angheluta (2014), apresenta caracteres de *eminência objetiva* e *eminência subjetiva* dispostos em um *continuum*, sendo o traço intersubjetivo um elemento a ser estabelecido nessa continuidade. Em Almeida (2010), o que se pode acercar a uma construção modal de caráter objetivo é a ausência de elementos discursivos

semânticos (como as dêixis) e pragmáticos (a exemplo da cortesia), sendo-nos lógico supor que a aparição de tais elementos pode figurar-se, entre outros elementos que permeiam a construção modal, como potenciais demarcadores da subjetividade e, a saber, do traço intersubjetivo.

Dada, portanto, a necessidade de observação do contexto linguístico discursivo para a análise modal, destacamos o trabalho desenvolvido com a implementação da Gramática Discursivo-Funcional, de Hengeveld e Mackenzie (2008), que promove uma análise linguística a partir de camadas e níveis de análise, dispostos em modelo *top-down* e constituindo-se como uma análise tipológica bastante recorrente no trato modal das línguas, por oferecer um modelo tipológico de análise linguística, além de arquitetar os processos linguísticos por meio dos Componentes Gramatical, Contextual e Conceitual. Nos trabalhos de Hengeveld e Mackenzie (2014), por exemplo, obtemos aparato discursivo, e especificamente contextual, para atualização da Gramática Discursivo-Funcional (GDF), que fornece uma visão do Componente Conceitual e dos elementos contextuais de potencial relevância no discurso, perfazendo-se, assim, uma importante ferramenta da análise modal, por contemplar elementos para além da expressão linguística da modalidade, mas considerando também estruturas satélites que promovam uma análise mais refinada do fenômeno em questão.

Tendo estabelecido a primazia de uma análise modal que considere elementos dos contextos linguístico e situacional em que se dê a comunicação, colocamos em evidência de igual o destaque dado à potencialidade de nuances modais intersubjetivas, mencionadas por Angheluta (2014, p. 18, grifo nosso), ao aclarar-nos que, dentre os aspectos contextuais a serem analisados, cabe conduzir uma especialização teórica, considerando os aspectos da semântica e da pragmática, e, neste último caso, “a manifestação da subjetividade do emissor, mas também do receptor, que pode assumir o papel de agente, executor da modalidade deôntica”<sup>5</sup>. Sendo assim, além da necessidade de uma análise especializada do contexto, não considerando todos os aspectos contextuais como pertencentes às mesmas áreas de análise, a autora também atesta a possibilidade da manifestação dos ouvintes/leitores na construção e implementação dos valores modais, sendo este um elemento pertencente ao contexto pragmático da comunicação, de acordo com reflexões previamente realizadas, a exemplo dos trabalhos de Gutiérrez-Ordóñez (2005, p. 28) e Vílchez-Tallón (2007).

### 2.3 Nuances modais deônticas

As nuances aqui estudadas referem-se aos aspectos de *objetividade, subjetividade e intersubjetividade* na modalidade linguística, estabelecendo nosso foco na modalidade deôntica por meio da análise. Desta feita, nos valeremos das contri-

<sup>5</sup> Tradução livre. No original: “La manifestación de la subjetividad del emisor, pero también del receptor, que puede convertirse incluso en agente, ejecutor de la modalidad deôntica”.



buições de Gasparini-Bastos (2014) e Mackenzie (2017) que nos permitam aferir tais matizes semânticos pelo estabelecimento de ferramentas de análise variadas em quantidade e tipo.

Mackenzie (2017) estabelece a perspectiva da atribuição dos fenômenos de objetividade, subjetividade e intersubjetividade em toda a arquitetura geral da GDF, mas também a unidades linguísticas mais específicas. Neste estudo, consideramos uma destas unidades o elemento modal. Para o autor, a objetividade caracteriza-se como a expressão linguística realizada por um sujeito sem que seja demarcado nela seu grau de consciência. Para a observação de um enunciado de instância mais objetiva, Mackenzie (2017) considera a expressão de sua probabilidade, em construções como *é certo/provável/possível*. Além disto, o autor considera que o estabelecimento de noções temporais (passado, presente e futuro) perfazem o aspecto objetividade, além da distinção positiva e negativa relacionada ao caráter de realidade ou verdade da proposição.

A subjetividade, por sua vez, implica em uma referência mais clara aos participantes envolvidos no discurso ou a transformação de uma construção objetiva por meio da marcação das atitudes dos falantes (Givón, 2001, p. 300), tornando mais nítida a presença do falante. Os elementos que favorecem a demarcação de uma maior subjetividade são itens lexicais de expressão da opinião ou sentimento (termos que evidenciem a opinião ou avaliação do falante, como *creio que, temo que*, e elementos nominais de apreciação, como adjetivos). O autor não considera elementos anafóricos como potenciais reveladores do traço subjetivo, por acreditar que eles costumam ser demarcado ao início do enunciado, ainda que possamos perceber tais elementos de expressão da opinião serem realocados ao final do discurso, codificados em *creo yo/pienso yo (creio eu/penso eu)*

Por fim, Mackenzie (2017) considera que a intersubjetividade caracteriza-se enquanto uma orientação discursiva que vai do falante para o ouvinte, sendo construções interrogativas dispostas na porção final do enunciado seu principal elemento identificador. Na teoria da GDF, o autor atesta a inserção do elemento de subjetividade e objetividade como emblemáticos da própria teoria da GDF enquanto sucessora da Gramática Funcional de Dik. Para Mackenzie (2017), diversos elementos, entre lexicais e gramaticais, podem atuar na expressão dos traços modais de objetividade, subjetividade e intersubjetividade.

Além destes elementos, Mackenzie (2017) destaca a própria disposição discursiva (para ele, enunciados modais dotados de traço subjetivos ocupam posições discursivas mais periféricas, enquanto os enunciados modais ditos objetivos, localizam-se discursivamente em posições mais centralizadas). Tal entendimento, a nosso ver, corrobora nossa ressalva à Givón (2001), ao considerar a expressão dos elementos de subjetiva apenas como introdutórias e não anafóricas, uma

vez que as porções informativas novas, ou introdutórias, preenchem espaços mais centralizados nos discursos, sendo, nesta instância, os elementos anafóricos lateralizados. Mackenzie (2017) parece também conceber a modalidade a partir de níveis e camadas, em que as expressões linguísticas modais que expressam o comprometimento ou opinião do falante (subjatividade) ocupam camadas mais altas/externas, e os componentes modais linguísticos mais objetivos, isto é, mais atrelados ao evento ou fato em si, localizam-se em camadas baixas/centrais, sendo esta uma visão bastante coerente com a teoria implementada por Hengeveld e Mackenzie (2008) na GDF.

A observação do traço intersubjetivo no arcabouço da GDF, entretanto, ainda vem-se estruturando. Uma vez que a GDF se estabelece por meio da perspectiva do falante, e Mackenzie (2017) considera que a intersubjetividade consiste no compartilhamento de elementos comuns ao falante e ao ouvinte, elementos estes que estariam dispostos no Componente Contextual da GDF, o autor advoga uma melhor observação ao próprio Componente Contextual, bem como a um mapeamento mais detalhado de ditos elementos ali dispostos.

Ao trabalhar especificamente com os traços de objetividade e subjatividade para a modalidade deôntica, Gasparini-Bastos (2014) sugere que as fontes deônticas, a orientação modal (com base na GDF) e os tempos verbais são alguns dos fatores que permitem a distinção dos dois traços observados. No que se refere à expressão da subjatividade, a autora atesta que a modalidade deôntica de caráter subjetivo perfaz um elemento de desejabilidade, diferenciável da modalidade volitiva por meio do traço [+controle]. Sendo assim, a autora atesta que a modalidade subjetiva costuma ser mais comum e mais favorecida por elementos contextuais, cuja orientação seja voltada aos participantes, ou cuja fonte modal perfaça participantes mais individualizados. Linguisticamente, o tempo verbal do futuro do pretérito também configurou-se como um elemento comum do traço subjetivo, por apresentar valor hipotético, como se vê no seguinte trecho extraído da sessão de Comentários do jornal espanhol *El País*: “O *Alcorão* é livro que deveria ser proibido, repleto de violência contra tudo e todos...”<sup>6</sup>, em que o falante não implementa a proibição do livro religioso *Alcorão* enquanto factualidade passada, presente, ou futura, mas como a potencial e imaginativa necessidade de sua censura devido à violência que o falante alega possuir a obra. Discursivamente, a utilização da estrutura demarcadora de opinião *achar + que* também foi atribuída à expressão da subjatividade deôntica.

Quanto ao traço objetivo, Gasparini-Bastos (2014) elenca o uso do tempo verbal do presente do indicativo e o conseqüente distanciamento do falante como

---

<sup>6</sup> Tradução livre. No original: “El Corán es un libro que debería estar prohibido, lleno de violencia contra todos y todo...”. Disponível em: [https://elpais.com/politica/2012/08/02/actualidad/1343942685\\_140212.html](https://elpais.com/politica/2012/08/02/actualidad/1343942685_140212.html).

elementos de verificação da objetividade deôntica. A autora menciona também um caráter mais prescritivo da modalidade deôntica objetiva, em referência a Vázquez-Laslop (2001). A orientação modal já não seria para o participante, mas para o evento, e a fonte modal não seria tão individualizada, apagando ou mitigando o impacto dos sujeitos na expressão modal, apresentando maior caráter normativo ou instrucional.

Sendo assim, para nossa análise, lançaremos mão de ferramentas semelhantes às estabelecidas pelos autores, de modo a possibilitar uma contemplação satisfatória do fenômeno modal deôntico neste trabalho, ademais de refletir com base em elementos de identificação linguística mais imediata, o que nos pode permitir-nos uma contemplação de profundidade e clareza importantes, considerando a extensão deste estudo. Por meio de aspectos gramaticais, observamos nos exemplos a expressão dos traços de maior objetividade, subjetividade e intersubjetividade a partir de, no caso dos verbos modais, a utilização de flexões verbais asseveradoras ou mitigadoras dos traços analisados, entendendo que formas como o Futuro do Pretérito favorecem traços de maior subjetividade, e construções na voz verbal passiva fomenta o matiz de maior objetividade, por apagar/opacificar os participantes envolvidos na expressão modal. No que diz respeito ao traço intersubjetivo, ilocuções de tipo interrogativa consistiram em seu maior aparato de potencialização ou verificação.

Na tessitura do texto, também observaremos a introjeção de construções opinativas como *en mi opinión, creo que, pienso que*, escopando a modalidade deôntica por meio de ferramenta catafórica, isto é, introduzindo o evento deonticamente modalizado, todas enquanto demarcadoras da opinião (subjetividade) do falante.

Contextualmente, recorreremos aos seguintes gêneros textuais para suscitar hipóteses de encontro dos traços observados, sendo: *Artigo de Opinião, Webcomentários e Enquete*.

### 3 Procedimentos metodológicos

A fim de observar as nuances deônticas descritas nos tópicos anteriores, foram trabalhados alguns exemplos do comportamento modal deôntico, de caracteres considerados objetivo, subjetivo e intersubjetivo, classificação esta proveniente de distintas ferramentas de análise, como os gêneros textuais observados, o trato das formas verbais, as fontes discursiva e modal, e estruturas anafóricas e catafóricas que se prestam à contextualização linguística, etc.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Ainda que não estejamos apoiando-nos integralmente no aparato da GDF, neste artigo, nos valem desta de modo a entender que o Componente Gramatical da linguagem é permeado pelo Componente Contextual. Isso significa dizer que elementos externos à estruturação linguística enquanto código podem interferir, em alguma medida, em seu comportamento.

O material utilizado provém de gêneros periodísticos coletados em *corpus* próprio<sup>8</sup>. Para tanto, extraímos materiais discursivos em língua espanhola de um portal periodístico espanhol. Observando o veículo informativo, aqui denominado EP, coletamos textos dos gêneros *Enquete*, *Artigo de Opinião*, bem como os comentários online (*Webcomentários*) relacionados aos dois gêneros supracitados.

As reflexões tomaram como base os gêneros e outros elementos, como já mencionados, elementos sob os quais teorizamos a potencialidade de aparecimento da modalidade deôntica sob os três prismas semânticos citados (objetivo, subjetivo e intersubjetivo), considerando as possibilidades interativas de cada gênero textual<sup>9</sup>.

O estabelecimento dos gêneros textuais enquanto categorias de análise potencialmente expressivas dos traços semânticos deônticos uniu-se a outras categorias linguísticas, como a observação dos tempos verbais utilizados (para o caso de verbos plenos e auxiliares), bem como a adequação às vozes verbais. Outras estratégias linguísticas, como estruturas de expressão de crença, opinião e desabilidade, aliadas a processos de referências catafóricas, também auxiliaram na categorização do enunciado deonticamente modalizado enquanto eminentemente objetivo, subjetivo ou, ainda, intersubjetivo.

Desta forma, procedemos a uma análise qualitativa de trechos deonticamente modalizados em língua espanhola, partindo das ferramentas de análise acima mencionadas, que nos levariam a uma posterior reflexão e elucidação de sua influência quanto ao caráter da modalidade deôntica expressa no discurso.

#### 4 Análise de nuances modais deônticas

Os exemplos a seguir se prestaram a uma reflexão e discussão qualitativa dos valores modais deônticos mencionados: valores eminentemente objetivos, subjetivos e intersubjetivos. Tais reflexões e discussões lançaram mão das ferramentas de apoio, como elementos contextuais, fontes (evidencial e modal) e formas linguísticas.

Ao observar o exemplo (1), podemos encontrar elementos contextuais relevantes ao entendimento dos comportamentos modais:

- (1) **¿Se deben prohibir los toros? Queremos** saber tu opinión. ¿Estás a favor o en contra de los festejos taurinos? ¿Desaparecerán? **¿Hay que prohibirlos?** Lee las posiciones publicadas en PEP y participa en nuestra encuesta. (EP - Enquete)<sup>10</sup>

<sup>8</sup> O *corpus* utilizado neste estudo foi montado como ferramenta de análise para a dissertação (BATISTA, 2019). Disponível em: <https://figshare.com/s/67bff2fb9e5d4e631c98>.

<sup>9</sup> Em Batista (2019), os gêneros textuais figuraram-se como uma categoria de análise relativa ao contexto situacional de expressão modal deôntica, tendo como resultado, dado a divisão da quantidade de ocorrências modais pelo número de palavras dos textos observados, uma alta ocorrência da modalidade em questão nos gêneros, nesta ordem: *Enquete*, *Artigo de Opinião* e *Webcomentários*.

<sup>10</sup> Os exemplos conservam a escrita original dos autores e as traduções são livres de nossa autoria..

As touradas devem ser proibidas? Queremos saber sua opinião. Você está a favor ou contra os festejos taurinos? Desaparecerão? Devem ser proibidos? Leia os posicionamentos publicados em EP e participe de nossa enquete.

O exemplo (1) apresenta grande possibilidade de reflexão, no que se refere a elementos contextuais e aspectos de outra ordem que se prestem ao entendimento do comportamento modal de caráter intersubjetivo. Inicialmente, tem-se o gênero textual no qual se percebem as expressões da modalidade deôntica obrigação e proibição, o qual está atrelado a um contexto discursivo, no que se refere às características inerentes ao próprio gênero em que a modalidade é veiculada/expressa.

Ao considerar o gênero enquanto elemento contextual discursivo, tem-se a *Enquete*, gênero que por excelência busca a mobilização do leitor em determinada temática, de modo a obter uma resposta discursiva, corroborada pela estrutura interrogativa. Ademais, observamos o aspecto da volição (desejabilidade) do autor, ainda que diluído no majestático ‘queremos’. Entende-se que esta ferramenta de diluição ocorre da necessidade de formalização discursiva, tendo em vista a veiculação do texto ocorrer em um portal informativo periodístico, geralmente imbuído de maior busca pela neutralidade.

No entanto, o verbo modal volitivo “querer” (sublinhado), ao tomar por escopo o EC ‘saber sua opinião’, aqui destacando o elemento de opinião, leva ao entendimento de que os elementos a serem postos em discussão não serão validados apenas por leis externas e realidades objetivas, mas deverão passar pelo crivo subjetivo do leitor, que tomará o turno de fala, se posicionando como falante a partir do que foi solicitado pelo até então falante, implementador do questionamento.

Esta construção leva, portanto, a expressões da modalidade deôntica que são escopadas por estes elementos: a modalidade deôntica de obrigação (*se deben/deben ser*) que toma por escopo a modalidade deôntica de tipo proibitiva (*proibir/proibidas*), sendo já em Olbertz e Gasparini-Bastos (2013) abordado fenômeno similar de encapsulamento modal, em que a primeira expressão modal, com valor de *obrigação* e conjugada no futuro do pretérito (entendida como forma mitigadora), perfaria uma modalidade de tipo subjetivo, escopando, por sua vez, uma modalidade objetiva.<sup>11</sup>

Destacamos, também, a construção textual deôntica em formato interrogativo, ilocução esta que nos corrobora o valor deôntico de natureza intersubjetiva, uma vez que, excetuando-se formas retóricas, entende-se que ilocuções interrogativas caracterizam-se como formas em que se demanda informação de outrem.

---

<sup>11</sup> Em Olbertz e Gasparini-Bastos (2013), permissiva, e, neste artigo, proibitiva.

No exemplo (1), o portal ou instituição solicita posicionamento dos leitores quanto à ideia de proibição do evento.

Assim sendo, estando as modalidades inseridas na construção encabeçada pela estrutura ‘queremos saber sua opinião’, entende-se que a implementação da proibição das touradas deverá partir de uma lógica construída pelo falante segundo sua opinião, que, por sua vez, poderá ser mais ou menos influenciada por aspectos morais e legais. Neste caso, considera-se, pelo contexto discursivo e situacional, o exemplo (1) como uma expressão potencial da modalidade deôntica de caráter intersubjetivo.

Passaremos, desta feita, à análise do exemplo (2):

- (2) “Despoja al toro de su posición totémica”: me ha convencidos con su brillante retórica. Es más, creo que hay que darle un nobel para este genio de la literatura, que haría palidecer a Góngora’. (EP - Webcomentário)

“Despoja o touro de sua posição totêmica”: me convenceu com sua brilhante retórica. E digo mais, acho que teriam que dar um Nobel para este gênio da literatura, ele empalideceria Góngora.

A ironia, observável em (2) pelo exagero dos termos “brilhante retórica”, “gênio da literatura”, além da afirmação de que o literato espanhol Luis de Góngora se surpreenderia com o único trecho citado pelo autor de (2), é marcada pela construção *creo que* e figura-se como um elemento do contexto discursivo que evidencia o envolvimento do falante no discurso, observando também a desinência verbal de primeira pessoa, destacada pela marcação de fonte evidencial de primeira pessoa, denotando envolvimento explícito do falante.

Destaca-se também a natureza opinativa do gênero *Webcomentário*, já exposta anteriormente em Batista (2016; 2019), sendo então frequente a expressão pessoal dos falantes quanto às suas desejabilidades ou prospecções de realização dos Estados-de-Coisas (ECs) expressos.

No caso de (2), ainda que irônico, o falante implementa a realização do evento (dar o nobel ao autor do artigo contra as touradas, devido à sua erudição revelada na escrita, mencionada no trecho aspeado), ressaltada pela forma linguística *Condicional Simple* (em português denominada *Futuro do Pretérito*, de valor correspondente), o que é utilizado, entre outras funções, como uma expressão cortês de pedidos e/ou desejos. Consideremos também em Gasparini-Bastos (2014) o entendimento do uso do Futuro do Pretérito como um valor mitigador da modalidade deôntica, instituindo-a assim como algo não obrigatório, mas desejável.

Quanto à observação da ilocução utilizada em (2), não encontramos sinais de que construções declarativas favoreçam a natureza modal neste fragmento.

Desta forma, consideramos que o uso declarativo para a ilocução caracteriza-se como neutro, sendo aplicável a diferentes naturezas modais, cabendo-nos aferir o caráter modal segundo outros elementos, no caso de uso de ilocuições declarativas.

A partir destas reflexões, e considerando a fonte discursiva e modal, o gênero em que é expressa a modalidade deôntica e a forma verbal observada, podemos concluir que a forma deôntica de obrigação encontrada no exemplo (2) manifesta espectros predominantemente subjetivos.

Por fim, consideraremos o exemplo (3) para a discussão de uma expressão deonticamente modalizada de caráter eminentemente objetivo:

- (3) Como digo, su falta de comprensión lectora es acuciante. Se lo repito añadiendo un símil: no vas a convencer a nadie de que matar animales para comer está mal mientras se matan animales para divertirse. Por eso, por una mera cuestión pedagógica, primero habrá que hacer entender a la gente que no se puede matar animales por diversión. Del mismo modo, primero se dejó de matar a gente por diversión (o que se mataran entre ellos), luego **se prohibió** matar a gente por honor, y finalmente, en los estados modernos, **está prohibido** matar gente de ninguna de las maneras. (EP - Webcomentário)

Como digo, sua falta de compreensão leitora é enorme. Repito acrescentando uma metáfora: você não vai convencer ninguém de que matar animais para comer é ruim enquanto matam animais por diversão. Por isso, por uma simples questão pedagógica, primeiro deve-se fazer com que as pessoas entendam que não se pode matar animais para divertir-se. Da mesma forma, primeiro as pessoas pararam de se matar por diversão (ou matar-se entre si), depois foi proibido matar pessoas por honra, e finalmente, nos estados modernos, é proibido matar pessoas por qualquer motivo.

No exemplo (3), observamos uma série de fatores que permitem a consideração da expressão modal sob uma ótica eminentemente objetiva. Ainda que, semelhantemente a (2), o exemplo (3) se encontre expresso no gênero *Webcomentário* que, como mencionado anteriormente, revela maior subjetividade do autor (destaque-se a marcação evidencial subjetiva em primeira pessoa, *como digo*, ao assumir a autoria de sua crítica ao interlocutor, mencionado no texto, como pode ser visto no exemplo (3), marcado em itálico), percebemos um apagamento posterior da personalidade do falante, ao implementar valores modais deônticos, utilizando inicialmente a construção passiva sintética *se prohibió/está prohibido*.

Desta forma, o falante elenca uma série de proibições instituídas socialmente de modo a exemplificar a conduta a ser adotada para a conscientização de indivíduos pró-touradas. O uso de construções deônticas de valor proibitivo sob formas passivas visa maior destaque ao EC descrito que aos agentes envolvidos e alude a construções de ordem legal (leis e regulamentos).

Além disso, o uso predominante do presente do indicativo nas construções deonticamente modalizadas sugere maior atemporalidade e neutralidade. Uma vez que o falante busca referir-se a construtos éticos e morais moldados socialmente ao longo dos anos e institucionalizados enquanto leis, ao tentar reproduzi-las, o falante parece buscar um maior afastamento dos valores deônticos instaurados em seu discurso, colocando-os não sob a ótica daquilo que ele considera proibido, e sim aquilo que instaurado legalmente enquanto proibido.

Novamente, não percebemos na forma declarativa ferramentas que nos permitam categorizar a natureza deôntica, corroborando o dito em (2), uma vez que nos valem de outros elementos para a categorização modal. Desta forma, pode-se considerar esta construção como eminentemente objetiva, no que se refere à expressão do valor deôntico de proibição.

No que se refere à observação do fenômeno modal *versus* o gênero textual em que este é veiculado, os gêneros *Artigo de Opinião* e *Webcomentário* sugerem maiores posicionamentos opinativos do falante, o que poderia favorecer a expressão de caráter subjetivo, não negando a possibilidade de observação de nuances objetivas, uma vez que estas podem constituir estratégias discursivas de generalização e validação dos enunciados. O gênero *Enquete*, por sua vez, foi considerado, em nosso presente estudo, como um potencial favorecedor do traço de intersubjetividade deôntica, mas estudos de base quantitativas poderiam ser feitos para apoiar nossa hipótese.<sup>12</sup>

Uma vez que este estudo se trata de uma breve análise e reflexão acerca dos possíveis traços deônticos, não nos foi possível estabelecer categorias de análise mais diversificadas. No entanto, as categorias aqui discriminadas (gênero textual, ilocução e elementos contextuais linguísticos) nos pareceram frutíferas para atestar a potencialidade diversificada da modalidade deôntica por meio de caracteres de objetividade/subjetividade e intersubjetividade. Esse estudo, já iniciado em Batista (2019), figura-se-nos necessário dar continuidade, de modo a aprofundar as categorias exploradas e cruzá-las com novas categorias. Acreditamos que os elementos que cerceiam as expressões modais de natureza deôntica perfarão as ferramentas mais profícuas de análise e mapeamento do caráter modal deôntico.

## 5 Considerações finais

A modalidade deôntica, por estar relacionada a aspectos de conduta estabelecidos por espécies de senso comum, ou ainda por estar atrelada a noções

---

<sup>12</sup> Os gêneros textuais em Batista (2019) não foram cruzados juntamente aos efeitos de sentido, pois, à ocasião, figuram-se como um elemento estabelecido do contexto situacional para a modalidade, havendo outras categorias selecionadas para a verificação do caráter modal. Neste artigo, suscitamos a hipótese da correlação Gênero Textual/caráter modal com maior ênfase, elevando os Gêneros ao *status* de impactante nos efeitos modais, e considerando a necessidade futura de um estudo quantitativo para tal.



morais/legais, costuma ser entendida como uma modalidade de caráter mais objetivo, dada a contemplação modal estabelecida em graus, ou em um *continuum*.

Não é negada, neste estudo, a sua alta recorrência por meio de um viés de maior objetividade. No entanto, busca-se, com as reflexões aqui promovidas, ampliar o leque de possibilidades para a expressão modal, considerando uma maior aproximação do falante quanto ao enunciado modalizado imbuído de caráter deôntico. Mais ainda, tenciona-se também contemplar a intersubjetividade relacionada à modalidade deôntica como ferramenta discursiva de interação, em que o falante transfere ao ouvinte/leitor a responsabilidade discursiva de implementação do Estado-de-Coisas, no caso dos exemplos aqui trabalhados, deonticamente modalizados.

Desta feita, propusemos algumas reflexões baseadas em ocorrências da modalidade deôntica na língua espanhola, considerando possíveis ferramentas linguísticas e contextuais que favorecessem os traços antes mencionados. Observamos, assim, que fenômenos linguísticos como a flexão verbal nas categorias temporais se faz aproveitável para a expressão dos efeitos de sentido expressos, à medida que formas temporais verbais que suavizam a expressão modal deôntica (como o futuro do pretérito, ou *Condicional Simple* em espanhol) podem categorizar a expressão modal enquanto mais opinativo ou subjetiva, ao passo que formas do presente, consideradas mais neutras (Alarcos Llorach, 2000, p. 156), favoreceriam uma visão mais objetiva do fenômeno modal.

Do outro elemento norteador de nossas considerações, a ilocução, aferimos que ilocuições de tipo interrogativo são utilizadas na expressão da modalidade tendo em vista a visão do interlocutor, assumindo natureza intersubjetiva. Cruzado com o uso de formas verbais mitigadoras da modalidade, como o uso de formas verbais conjugadas no futuro do pretérito, mencionado acima, o caráter intersubjetivo da modalidade parece-nos ainda mais nítido. As ilocuições de tipo declarativa se prestariam à natureza modal subjetiva e objetiva em igual medida, segundo os exemplos analisados.

Por fim, estruturas linguísticas satélites, que se prestaram à nossa análise enquanto contextualizadores, renunciaram o caráter modal à medida que estruturas como “queremos saber a sua opinião” revelam a intenção de posicionamento modal do leitor no primeiro excerto analisado.

Tais considerações visam enriquecer o trato da modalidade deôntica à luz de distintas teorias, de modo que a multiplicidade de seus efeitos possa ser observada com maior adequação dentro de sua literatura específica. Devido à natureza do trabalho aqui realizado, não nos foi possível realizar a inserção de outras categorias pelas quais se possa analisar a natureza da modalidade expressa (como a natureza dos alvos), ademais de atestarmos a possibilidade de proposição de um estudo quantitativo do fenômeno.

## Referências

ALARCOS LLORACH, Emilio. *Gramática de la lengua española*. Espasa Calpe, Madrid, 2000.

ALMEIDA, Sandra. *Subjetividade e intersubjetividade: as construções completivas epistêmicas em inglês*. 2010. 209 f. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

ANGHELUTA, Mioara Adelina. La expresión de la modalidad deóntica en los discursos de investidura de José María Azanar López y José Luis Rodríguez Zapatero. In: ULASIN, B. (Ed.). *Quo vadis, Romanística?* Universidad Comenius de Bratislava, [S. l.], pp. 18-32, 2014. Disponível em: <https://www.educacionyfp.gob.es/eslovaquia/dam/jcr:8b4fdc31-54f2-4d42-a655-a11b2af8a921/quo-vadis--romanistica-en-linea.pdf#page=19>. Acesso em: 07 jun. 2023.

BATISTA, V. G. L. A modalidade deôntica em webcomentários: Um estudo funcionalista da língua espanhola. In: MARTINS, M. A. et al. (Org.) *Estudos linguísticos: Textos selecionados*. Abralim 2013. João Pessoa. Ideia, 2016.

BATISTA, V. G. L. *Modalidade deôntica e efeitos de sentido em língua espanhola*. Dissertação (mestrado). 205 f. Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2019.

BENVENISTE, Émile. Subjectivity in language. *Problems in general linguistics*. Translated by Mary Elizabeth Meek. v. 1. p. 223-30, 1971.

GASPARINI-BASTOS, Sandra Denise. Distinções entre modalidade deôntica objetiva e subjetiva no português falado: o caso do verbo 'dever'. *Confluência*, p. 273-287, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/122372>. Acesso em: 10 jun. 2023.

GIVÓN, Talmy. *Syntax. An introduction*. v. 1. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, 2001.

GUTIÉRREZ ORDÓÑEZ, Salvador. Ejercitarás la competencia pragmática. In: *La competencia pragmática y la enseñanza del español como lengua extranjera*. HOZ-FERNÁNDEZ, C. Servicio de Publicaciones. [S.l.]. p. 25-44. 2005.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold Publishers, 1985.

HENGEVELD, Kess. Illocution, mood and modality in a functional grammar of spanish. In: *Journal of Semantics*, v. 6, 1988, p. 227-269.

HENGEVELD, Kess; MACKENZIE, John Lachlan. *Functional Discourse Grammar: a typologically based theory of language structure*. Oxford: Oxford Linguistics, 2008.

HENGEVELD, Kees; MACKENZIE, John Lachlan. Grammar and context in functional discourse grammar. *Pragmatics*, v. 24, n. 2, p. 203-227, 2014. Disponível em: <https://www.jbe-platform.com/content/journals/10.1075/prag.24.2.02hen>. Acesso em: 10 jun. 2023.

HENGEVELD, Kees; DALL'AGLIO-HATTNER, Marize Mattos. Four types of evidentiality in the native languages of Brazil. *Linguistics*, v. 53, n. 3, p. 479-524, 2015. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/ling-2015-0010/html>

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça. *Argumentação e linguagem*. São Paulo, Cortez, 1984.

LYONS, John. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MACKENZIE, John Lachlan. Objetividade, subjetividade e intersubjetividade na perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional. In. *Funcionalismo Linguístico: diálogos e vertentes*. São Paulo: Editora EDUFF, 2017.

NEVES, Maria Helena de Moura. A modalidade. In: *Gramática do português falado*. KOCH, I.G.V. (Org.). v. VI: desenvolvimentos. Campinas: Editora da UNICAMP - FAPESP, 1996.

NOGUEIRA, Márcia Teixeira *Modalidade e argumentação*. In: NOGUEIRA, Marílio Salgado; LOPES, Maria Fabíola Vasconcelos (Org.). *Modo e Modalidade: gramática, discurso e interação*. Fortaleza: Edições UFC, p. 59-76, 2011.

OLBERTZ, Hella; GASPARINI-BASTOS, Sandra Denise. Objective and subjective deontic modal necessity in FDG—evidence from Spanish auxiliary expressions. In: *Casebook in Functional Grammar*. Amsterdam. John Benjamins, p. 277-300, 2013. Disponível em: <https://www.torrossa.com/en/resources/an/5001285#page=288>.

OLIVEIRA, André Silva. *Modalidade volitiva em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica*. Dissertação (mestrado). 310 f. Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2017. Disponível em : <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/28010>. Acesso em: 10 jun. 2023.

OLIVEIRA, André Silva. *A manifestação da coletividade nas homilias do Papa Francisco em língua espanhola*. Tese (doutorado). 510 f. Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/61485>. Acesso em: 10 jun. 2023.

PALMER, Frank Robert. *Mood and modality*. Cambridge, Cambridge University Press, 1986.

PESSOA, Nadja Paulino. *Modalidade deôntica e persuasão no discurso publicitário*. Dissertação (Mestrado). 151 f. 2007. Universidade Federal do Ceará, Centro de

Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/6614>. Acesso em: 10 jun. 2023.

PESSOA, Nadja Paulino. O valor deôntico de obrigação e a polaridade: uma análise discursivo-funcional no português europeu. *E-escrita*: Revista do Curso de Letras da UNIABEU Nilópolis. v. 2, n. 6, set.-dez. 2011.

VÁZQUEZ-LASLOP, María Eugenia. *Modalidad deóntica y acción comunicativa*. El Colegio de México, 1999.

VÁZQUEZ-LASLOP, Maria Eugenia. *La arquitectura lingüística del compromiso*. Las oraciones de deber ser. Colegio de México. México. 2001.

VERSTRAETE, Jean-Christophe. Subjective and objective modality: interpersonal and ideational functions in the English modal auxiliary system. *Journal of pragmatics*, n. 33, 2001, p. 1505-1528. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0378216601000297>.

VÍLCHEZ-TALLÓN, José Antonio. *La enseñanza del componente pragmático a través de fragmentos de películas*. Biblioteca virtual redELE. Alcalá de Henares, 2007. Disponível em: <https://redined.educacion.gob.es/xmlui/handle/11162/76550>. Acesso em: 10 jun. 2023.

